

MIGUEL MIRANDA

DAI-LHES, SENHOR,
O ETERNO REPOUSO

1

Confuntatis maledictis – murmurei, apreciando o cadáver da mulher a boiar no rio. Não era coisa bonita de se ver, a morte. Por mais habituado que esteja, fico sempre pensativo ao observar um corpo sem vida. E a mulher que há poucas horas habitara aquele corpo era muito bela, o que tornava o crime ainda mais revoltante. Sim, não tinha qualquer dúvida de que se tratava de um crime, não dispunha de provas, mas o meu instinto assim me dizia.

Pousei os potentes binóculos *Zeiss*. A cena que se seguia não me interessava muito. A polícia chegara com o delegado de Saúde, e iniciara a operação de levantamento do cadáver. Seguir-se-ia a inquirição dos elementos da tripulação do iate de luxo acostado no cais. Mera rotina a desembocar num beco sem saída, quase que poderia apostar.

Relaxe o corpo na cadeira. Duas gaivotas planavam sobre o rio. O vento almiscarado assobiava nas frestas da janela do escritório, ajudando-me a pensar. Os barcos, as pontes, o casario alcantilado nas encostas são um pano de fundo inspirador, sobre o qual o meu raciocínio dedutivo trabalha.

Agora era só esperar. Tinha a certeza de que viriam. Não havia qualquer dúvida, era apenas uma questão de tempo e alguém apareceria para me contratar. Antes que fosse tarde de mais.

No dia seguinte, o crime viria em parangonas nas primeiras páginas dos jornais: «Lady Godiva Assassinada.» Sorri. Só eu sabia que quem morrera não fora a célebre cantora *pop*, mas uma sócia. Ou não seja eu o maior detective do mundo, o grande Mário França.

Gosto de apreciar o rio Douro quando não tenho nada que fazer. O que tem acontecido com frequência nos últimos tempos. Esta profissão de detective é feita de esperas várias: espera-se que alguém morra, espera-se que um suspeito apareça, espera-se que nos contratem para algum serviço, por mais comezinho que ele seja. Viajo de espera em espera, imóvel como um asceta, por economia de esforço. Quando entro em modo de espera, sou capaz de me desligar de tudo, só o cérebro trabalha, febril. E mesmo esse, posso desligá-lo e ficar numa espécie de hibernação, sem pensar em nada, só com os sentidos em estado de alerta. Tenho corpo e alma curtidos nestas esperas lentas que me perfazem a vida. De tão viciado, estou sempre à espera de uma espera, o que me confunde, pois às vezes já não sei muito bem porque espero.

Percorri a pé o Muro dos Bacalhoeiros, repisando o granito incerto da calçada em direcção ao escritório. Evitei as grandes argolas de ferro embutidas na pedra onde outrora se amarravam os navios da pesca do bacalhau. Estavam em desuso desde que o porto da barra do Douro deixara de receber barcos de grande calado. Agora, o tráfego fluvial era constituído pelos barcos rabelos que já não transportavam pipos – apenas propagandeavam o vinho do Porto –, pelos barcos-hotel que subiam o rio em cruzeiro e por alguns iates particulares de gente endinheirada. Havia ainda

as embarcações de desporto dos clubes de remo locais, as pequenas lanchas de turismo e motas de água, e as traineiras dos pescadores da Afurada, um pequeno porto pesqueiro na margem esquerda. Os navios de carga, os petroleiros e os grandes navios de pesca já não cruzavam a barra, fundeavam em Leixões, o grande porto de mar construído a norte da foz do Douro. Os bacalhoeiros tinham desaparecido, eram quase objectos de museu. A frota pesqueira nacional de longo curso, que outrora dominava os mares da Gronelândia e da Noruega, fora quase toda desmantelada, graças ao ruinoso acordo de pescas da Comunidade Europeia. Os processos de secagem eram agora outros, estava abandonada a antiga seca do bacalhau em Lavadores, que se adivinhava ao longe. Testemunha dos tempos da safra do bacalhau, o Muro dos Bacalhoeiros erguia-se sobranceiro ao rio Douro, como um memorial da última aventura marítima dos Portugueses.

Detive-me à porta do prédio do escritório. A viagem ao longo do Muro dos Bacalhoeiros não era muito longa em passos, apenas em memórias. Eu ficava num estado de alerta, uma espécie de febre, quando assomava à entrada do meu covil. Respalado na paisagem, sentia um arrepio a percorrer-me o corpo enquanto me preparava para desandar a chave. Entre outras cautelas esparsas, era talvez a expectativa de encontrar a dona Arminda o que me colocava em alerta. A senhoria montava guarda ao portão, parecia ter ouvidos de tísica, adivinhando-me os passos na calçada. Três meses de atraso na renda traziam-na de cenho carregado, biliosa. Quando me apanhava, discorria um chorrilho de ameaças, a que já estava habituado. Eu jogava aquele jogo com um secreto prazer interior. Tinha dinheiro para pagar a renda, mas gostava de a manter em suspenso por dois motivos: por um lado, quando um dia não tivesse mesmo dinheiro, ela já estaria treinada no atraso; por outro, era estimulante engendrar patranhas para convencer a senhoria a aceitar mais um adiamento, e outro, e outro... uma espécie de treino na arte de enganar, tão útil para a profissão. Abri

a porta e penetrei na penumbra do átrio o mais sorrateiro que os gonzo ferrugentos da porta permitiram.

Desta vez estava com sorte, a dona Arminda não se encontrava por perto. Apressado e felino, galguei a escadaria quase sem arrancar gemidos à madeira carunchenta dos degraus. Tanto cuidado era desnecessário, eu sentia quando ela não se encontrava em casa: a arrumação dos papéis na credência romba, a posição do manípulo da porta do relógio de pêndulo, o ângulo do tapete indiano. Os rituais de saída da dona Arminda compulsavam certas rotinas, na sua relação com os lugares e os objectos, que a anunciavam fora ou dentro de casa. Mesmo sabendo-a ao largo, eu subia sempre a escada em puro silêncio, os músculos tensos, preparado para qualquer eventualidade. Nesta vida de investigador, vive-se no fio da navalha, há sempre quem nos queira preparar alguma partida, quer seja um patife ou um esbirro, cada um com a sua quota de razão de queixa. Sei que isto é uma espécie de desculpa, estou a ficar como a dona Arminda, cumprindo rituais insensatos dia após dia. Sou um pouco obsessivo-compulsivo com regras de segurança e metodologia de detecção de intrusos, mas esta espécie de paranóia tem-me salvo o canastro em muitas situações.

Cheguei ao primeiro andar e deslizei até à porta do escritório. A porta anunciava em latão «Mário França Detective Privado». Um luxo cinzelado por Dedos, um dos meus homens de rua. Ele tinha uma pequena oficina de ourives, onde trabalhava prata e outros metais. Alguns trabalhos dentro da lei, outros menos – como cunhos de contrastes falsos que eu fazia de conta desconhecer –, faziam-no viajar na estreita fronteira entre o mundo legal e o do crime, transformando-o num poço de informações e num bom olheiro. Um dia safei-o da prisão, num dos negócios menos claros em que às vezes navegava. Agradecido, esculpira a latoaria, com o meu nome em baixo relevo arrevesado e um fundo onde se podia ler «*The best of the world*». Descontando a pirosice, a coisa funcionava como primeiro e até segundo impacto para qualquer candidato a cliente em abordagem iminente. Abri a porta com

uma gazua, um outro ritual, para manter a mão. Penetrei no escritório e sentei-me à secretária.

Gosto de ter a secretária desarrumada. Recortes de jornais, contas por pagar, cartas, papéis com recados, notas, relatórios, fotografias formam um padrão que me desenvolve o raciocínio. A parede era ocupada por uma única estante, com pastas de arquivo, livros de legislação, algumas máquinas fotográficas já em desuso e, em destaque, a velha máquina de escrever *Remington* que nunca tinha usado: arranjara-a no alfarrabista da rua das Flores, o Chaminé da Mota. Em boa verdade, ela servira de pagamento por uns serviços de vigilância, coisa pouca que me ocupara Cotos durante uma tarde, outro dos meus homens de rua.

Cotos é um cauteleiro maneta, com os bilhetes de lotaria pregados na lapela, a que ninguém presta atenção. Faz parte da paisagem urbana, são os meus olhos e ouvidos na cidade.

A imponente *Remington* dava um ar solene ao escritório, ofuscando a cadeira de couro gasto em frente da minha secretária.

Apreciei o mobiliário espartano já a acusar o peso dos anos. Estava mesmo a precisar de renovar a decoração. Um grande detective como eu tinha de tratar melhor da imagem. Outros móveis mais impressionantes vinham a calhar. Quanto mais pensava no assunto, mais ele se me tornava imperioso. Fechei os olhos, tentando abandonar a ideia, convencer-me da estupidez que seria gastar um dinheirão no escritório, que, para o movimento que tinha, estava muito bem assim. Mas não adiantou, quando uma ideia me latejava dentro da cabeça, eu não descansava enquanto não a concretizasse. Deixei de resistir, respirei fundo, levantei-me e saí para tratar do assunto.